

Car@s leitor@s,

A comunicação da ciência, de seus processos e resultados, é um campo das Ciências da Comunicação cuja importância cresce à medida que os desafios ligados à ciência e à tecnologia se tornam cada vez mais relevantes e decisivos para o convívio em sociedade e a sobrevivência da espécie. Nos últimos anos, com a radicalização da discussão pública e a politização de questões ligadas à ciência, desafios acrescidos se colocam à sua comunicação. Desde alterações climáticas até à vacinação, passando por todos os tópicos que possam de alguma forma alimentar o universo do negacionismo e as “teorias da conspiração” que se vão acumulando à sua volta.

A propaganda e a desinformação, que tradicionalmente tinham o seu palco privilegiado na comunicação política, estenderam-se a muitas outras áreas. Sua chegada à comunicação da ciência é um fenômeno relativamente recente. Foi sobretudo nos últimos anos que a ciência e o seu discurso passaram a ser usados como arma política, entrando na esfera de influência do vasto campo da desinformação e do conspiracionismo que os novos populismos do século XXI fizeram reviver, aproveitando um ecossistema mediático desenhado para favorecer a propagação do chocante e do escandaloso, e que se alimenta do ultraje e da indignação do público.

Sendo um fenômeno recente, estes são novos desafios que os estudos sobre comunicação da ciência têm de dar resposta. O *call for papers* do presente dossiê teve, portanto, o objetivo de suscitar o debate e a reflexão sobre o papel da comunicação da ciência num novo ecossistema mediático em que a manipulação e a desinformação estão inscritas por design. Recebemos várias contribuições de diversos pesquisadores de distintas regiões. Treze artigos estão aqui publicados e foram didaticamente divididos em dois grandes blocos, a saber: “Comunicação e Ciência: divulgação científica profissional, estratégias, relação comunicação científica e sociedade”; e “Comunicação e Ciência: narrativas, desinformação, checagem”.

Beatriz Becker e Cláudia Thomé no artigo “Subjetivação como estratégia do telejornalismo na defesa da ciência” apresentam ao leitor a síntese de um mapeamento, de suma importância, das pesquisas sobre telejornalismo desenvolvidas no Brasil entre os anos de 2010 e 2020, com destaque para os estudos sobre as audiências. Em seguida, as autoras analisam duas edições de telejornais brasileiros (Jornal Nacional e o Jornal da Band) a partir do percurso metodológico da Análise Televisual (BECKER, 2012; 2016). Complementam o texto informações geradas a partir de entrevistas realizadas, entre novembro de 2021 e fevereiro de 2022, com profissionais atuantes em emissoras de televisão brasileiras - incluindo produtores, editores, apresentadores e repórteres. Em suas considerações, ao final do artigo, Becker e Thomé sustentam que “a despeito da televisão *broadcast* ter perdido a sua centralidade da organização temporal da vida social, a relevância do jornalismo televisivo para as práticas democráticas no Brasil foi reafirmada no atual ecossistema informativo digital em um contexto pandêmico de desinformação e

de polarização política, contribuindo para fomentar o debate social, valorizar a ciência e tornar a agenda pública mais diversa (...)." (BECKER, THOMÉ, 2022).

Em "Jornalismo Científico: desafios, possibilidades e design da informação" Daniela Martins Barbosa Couto, Ana Luiza de Souza Silva e Vitória Martins Daniel analisam as notícias dos sites de universidades brasileiras e a forma como algumas delas foram replicadas em portais de notícias *mainstream*. Este *corpus* empírico constitui a base para a análise da construção dessas notícias por parte dos media, tomando como referência categorias do Manual de Edição em Jornalismo Científico do Knight Center. O estudo avalia a transposição dos conteúdos, do contexto acadêmico para os media *mainstream*, e elabora recomendações para a comunicação da ciência no Brasil, entre as quais se contam uma melhor contextualização, aprofundamento e humanização das matérias; o cuidado com as fontes, a construção de narrativas envolventes, investimento no design da informação e a promoção da interação com os públicos.

O terceiro artigo da seção, "Comunicación y ciencia en espacios rurales en el tercer peronismo: Representaciones en la Revista Postas Argentinas" é de autoria de Marina Poggi. O trabalho analisa o discurso de edições dos anos 1970 de uma publicação oficial do órgão do governo argentino responsável pelas telecomunicações, a Dirección General de Correos y Telégrafos, destinada à educação técnica e capacitação na área. O período compreende conflitos no contexto nacional e mudanças de governo que trouxeram consigo distintas políticas de desenvolvimento e de telecomunicações para a zona rural. Destacamos a análise muito interessante realizada pelo artigo sobre o discurso promovido pela revista acerca do acesso do meio rural à infraestruturas de telecomunicações.

Roberta Basile e Suely Gomes, em "A Comunicação da Ciência como Atividade para as Relações Públicas", analisam a necessidade que a ciência tem de relacionar-se com diversos públicos e aponta no campo de atuação das Relações Públicas um lugar privilegiado para construir estratégias de comunicação da ciência. Isso se dá em virtude da atuação das Relações Públicas no planejamento estratégico e na mediação de vínculos entre organizações e públicos.

"Ciência, Futuro e Afeto: Formas de Legitimar o Discurso", texto de Augusto Bozz e Suely Gomes, adentra temas que relacionam comunicação científica e teoria dos afetos para estudar a relação entre ciência, narrativas e sentidos. O artigo traz reflexão sobre noções fundamentais para se pensar a relação da governança do futuro com os fundamentos do discurso da comunicação científica: risco, prevenção e preempção. Estudando as tentativas contemporâneas de entender e governar os futuros e de explicar os fenômenos do mundo, é perceptível que a ciência encontra-se desautorizada e tem minada sua capacidade sobre tais tarefas. Tal desautorização acontece justamente na relação da ciência com a comunicação e o mercado de ideias.

Em "A Comunicação de Ciência em Centros de Estudos de Género Internacionais" Maria João Cunha e Beatriz Valente comparam e analisam diferentes formas de comunicar ciência na área dos estudos de género, em diferentes contextos internacionais,

a partir de um caso português. O Centro Interdisciplinar de Estudos de Género (CIEG-Portugal), e outros cinco centros congêneres, com sede em Chipre, Reino Unido, Filipinas, México e Dinamarca compõem a amostra de um trabalho que investiga o modo como estes seis centros fazem comunicação de ciência. Utilizando a análise retórica e a análise de conteúdo quantitativa, a atividade destes centros é enquadrada na área da comunicação estratégica e não do jornalismo, num estudo que procura caracterizar as principais temáticas, canais, ações e ferramentas de comunicação com os públicos-alvo dos principais centros de investigação de Estudos de Género internacionais, para concluir que a divulgação dos próprios estudos de género foi a temática mais abordada, e que essa divulgação privilegia a função referencial, de informar. Facebook e Twitter são os meios mais utilizados, enquanto as ações mais recorrentes são conferências, *webinars*, *workshops*, eventos e congressos.

Posteriormente, a edição conta com o artigo de Batista da Costa, intitulado “A percepção de pesquisadores sobre o processo de divulgação científica”. Esta pesquisa aborda o processo de divulgação científica, tendo como análise a percepção sobre o processo de 580 pesquisadores de universidades federais brasileiras. O estudo realça que é necessário haver uma partilha de resultados mais efetiva por parte das organizações públicas, nomeadamente das universidades.

Com o objetivo de traçar o perfil dos periódicos científicos brasileiros de extensão, tendo em conta a suas características e peculiaridades, o estudo “Perfil das revistas brasileiras de extensão universitária: qualidade científica e visibilidade” realizou um mapeamento de 43 revistas entre 2021 e 2022. Considerando vários critérios para a sua análise, o artigo revelou ser necessário efetuar algumas modificações estruturantes nos períodos analisados.

O primeiro artigo que integra o segundo grupo desta edição - que se prende com a apresentação de vários cenários relacionados com problemática da desinformação no que concerne à divulgação de ciência - procura entender de que forma a disseminação de desinformação está relacionada com o declínio da cobertura vacinal contra a poliomielite. O estudo “Desinformação e avanço da poliomielite no Brasil (2000-2021)” foca a sua análise num período superior a 20 anos, verificando que o aumento das campanhas de desinformação está significativamente relacionado com uma diminuição da cobertura vacinal.

“Quais foram as diferentes formas de questionamento da vacinação nos anos de 1990 e 2000 publicizados pela mídia impressa? E quando não eram *fake news*, quais eram as explicações para os movimentos de recusa ou contestação da vacinação? Como tais questionamentos podem se diferenciar tanto por parte da população como dos formadores de opinião em diferentes espaços sociais? Quais eram as categorias utilizadas?”. Mobilizados por tais questões, Igor Sacramento, Hully Guedes Falcão e Flávia Leiroz realizam uma pesquisa documental na Hemoroteca Nacional e nos acervos dos jornais Folha de São Paulo, Jornal do Brasil, O Globo e o Estado de São Paulo que é descrita no artigo “E quando não eram *fake news*? boatos e cismas sobre vacinação no Brasil de

1999/2000”. A partir de uma abordagem histórica pertinente, o texto contribui, sobremaneira, para a reflexão sobre o que vem a ser “desinformação” e seus desdobramentos no contexto comunicacional.

Com foco nos projetos de fact-checking o artigo “Algoritmos e desinformação: automação da checagem na América Latina” traz como contributo a apresentação de três agências: Lupa, Aos Fatos e Chequeado. As autoras Marta Alencar e Maria Clara Aquino, a partir desse estudo de caso múltiplo, analisam as ferramentas automatizadas das agências supramencionada, as inovações e os laboratórios agregados.

O artigo intitulado “Checagem de fatos no Twitter: desinformação nas eleições do Brasil em 2022” aborda a problemática da desinformação online no atual ecossistema mediático e a sua relação com a eleição presidencial brasileira, analisando os *tweets* que mais circularam no período de pré-campanha. Através da análise da plataforma de checagem Agência Lupa, o estudo verificou que as palavras “Lula”, “Vídeo” e “Bolsonaro” foram as mais frequentes.

Maria Estela Silva Andrade, Antonio Roberto Rossi e Paolo Demuru, em “Amazônia e Agronegócio: a semiótica de um discurso conspiratório” analisam o vídeo Cortina de Fumaça, da produtora Brasil Paralelo, questionando a utilização do documentário como arma persuasiva para promover a desinformação e a criação de narrativas conspiracionistas sobre o meio ambiente e os povos indígenas nas disputas com o agronegócio. Utilizando a análise semiótica, Greimas, Landowski e Ana Cláudia Mei de Oliveira oferecem o referencial teórico que permite analisar o potencial do documentário e seus artifícios, enquanto gênero, na construção da credibilidade da mensagem e dos seus emissores. O trabalho mostra como a desinformação e o conspiracionismo, neste caso tendo como tema as pretensões do agronegócio na Amazônia, recorrem aos dispositivos formais do documentário para gerar credibilidade quer da mensagem, quer dos seus emissores, tornando explícitos os mecanismos do seu sucesso.

O presente dossiê agrega, portanto, uma coleção de artigos provocativos sobre o fazer científico e sua forte relação com os contextos sociais contemporâneos, a desinformação, a política, etc. Desejamos uma excelente leitura e que a comunicação pública da ciência possa, cada vez mais, contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária para tod@s.

**Anabela Gradim**

**Cristina Marques Gomes**

**João Pedro Baptista**

**Maurício Fanfa**